

OS PREJUÍZOS CAUSADOS EM JOVENS ADULTOS PELO DIAGNÓSTICO TARDIO DE TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E/OU HIPERATIVIDADE

Anngely KAPPE¹
Ortenila Larssen TONELLO²
Thalita Martins dos SANTOS³
Christiane Cordeiro Silvestre Dalla VECCHIA⁴

RESUMO

O Transtorno de Déficit de Atenção e/ou Hiperatividade (TDAH) é um transtorno relacionado ao neurodesenvolvimento humano que se apresenta por níveis de comprometimento da atenção e da organização, podendo ou não estar presente a hiperatividade e a impulsividade. Um dos desafios do TDAH é o seu diagnóstico que, em muitos casos, é realizado tardiamente ou até mesmo não identificado ao longo da vida, o que pode acarretar prejuízos para o indivíduo, comprometendo sua qualidade de vida. Desta forma, o presente artigo tem como objetivo investigar os prejuízos causados pelo TDAH no decorrer da vida de jovens adultos com diagnóstico tardio. A metodologia utilizada é de cunho qualitativo e descritivo, através de entrevistas semiestruturadas, com 5 jovens adultos com idades entre 18 e 27 anos, moradores da cidade de Cascavel – Paraná que obtiveram diagnóstico após os 16 anos. Os dados foram analisados seguindo as técnicas de análise de conteúdo de Laurence Bardin, que possibilitou elencar três grandes categorias: prejuízo escolar; prejuízo social; prejuízo pessoal; e algumas subcategorias. Os resultados mostraram que os sintomas do TDAH foram percebidos desde a infância e a fase escolar, persistindo na vida adulta, o que ocasionou prejuízos aos participantes da pesquisa, nas dimensões social, pessoal e educacional. Os principais prejuízos evidenciados foram: dificuldades de aprendizagem e na manutenção de relacionamentos, compulsão alimentar, uso de drogas e comportamentos de riscos advindos da impulsividade. Diante disto, observa-se que o diagnóstico tardio implica em prejuízos em todas as dimensões da vida do sujeito com TDAH. A partir do diagnóstico e início das intervenções de tratamento, o jovem com TDAH passa a se adaptar aos sintomas do transtorno, adquirindo melhor qualidade de vida. **Palavras-chave:** Prejuízos – TDAH – Jovens Adultos – Diagnóstico Tardio

¹ Acadêmica do 10º período de Psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. akappke@minha.fag.edu.br

² Acadêmica do 6º período de Psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. Auxiliar de pesquisa. oltonello@minha.fag.edu.br

³ Acadêmica do 10º período de Psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. tmsantos2@minha.fag.edu.br

⁴ Doutora em Educação pela UFPR. Professora do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. christianevecchia@fag.edu.br

THE DAMAGES CAUSED IN YOUNG ADULTS BY THE LATE DIAGNOSIS OF ATTENTION DEFICIT HYPERACTIVITY DISORDER (ADHD)

Anngely KAPPE⁵

Ortenila Larssen TONELLO⁶

Thalita Martins dos SANTOS⁷

Christiane Cordeiro Silvestre Dalla VECCHIA⁸

ABSTRACT

Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) is a disorder related to human neurodevelopment, which is presented by levels of compromised attention and organization, with hyperactivity and impulsivity being present or not. One of the challenges of ADHD is its diagnosis, which in many cases is made late or even unidentified throughout life, which can cause damage to the individual, compromising its quality of life. Therefore, this article aims to investigate the damages caused by ADHD in young adults' lives diagnosed late. The methodology used is qualitative, descriptive, through semi-structured interviews, applied to 5 young university adults, 3 females and 2 males, aged between 18 and 27 years, residents in Cascavel – Paraná, who were diagnosed after the age of 16. The data were analyzed following Laurence Bardin's content analysis techniques, which made it possible to list three broad categories: academic harm, social harm, and personal harm; and some subcategories. The results showed that ADHD symptoms were perceived from childhood and school, persisting into adulthood, which caused damage to the participants in the social, personal and educational dimensions. The main losses evidenced were: difficulties in learning and maintaining relationships, binge eating, drug use and risky behaviors coming from impulsivity. In this way, it is observed that late diagnosis implies losses in all dimensions of the life of the individual with ADHD. After being diagnosed and the beginning of treatment, young people with ADHD start to adapt to the symptoms of the disorder, acquiring a better quality of life.

Keywords: Harm – ADHD – Young Adults – Late Diagnosis

1 INTRODUÇÃO

⁵ Acadêmica do 10º período de Psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. akappe@minha.fag.edu.br

⁶ Acadêmica do 6º período de Psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. Auxiliar de pesquisa. oltonello@minha.fag.edu.br

⁷ Acadêmica do 10º período de Psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. tmsantos2@minha.fag.edu.br

⁸ Doutora em Educação pela UFPR. Professora do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. christianeevecchia@fag.edu.br

Segundo a *American Psychology Association* (APA) (2022), o Transtorno de Déficit de Atenção e/ou Hiperatividade (TDAH) é um transtorno relacionado ao neurodesenvolvimento humano que se apresenta por níveis de comprometimento da atenção e da organização, podendo ou não estar presente a hiperatividade e a impulsividade. Assim, a desatenção e a desorganização levam o indivíduo à incapacidade de permanecer focado em afazeres cotidianos, parecendo desligado e relapso. Já a hiperatividade e a impulsividade referem-se à inquietação constante, hiperatividade motora, incapacidade do indivíduo de permanecer sentado ou parado, interrupção constante da fala ou afazeres de outras pessoas e à impaciência.

Para Albuquerque *et al.* (2023), o TDAH é uma condição comportamental de elevada incidência na infância e na adolescência, sendo caracterizado por sintomas de desatenção, hiperatividade e impulsividade. Esses sintomas são responsáveis por muitos prejuízos na vida escolar desses alunos, além de problemas de relacionamento social e ocupacional. Além disso, o impacto negativo pode interferir na relação com os familiares, amigos, colegas de escola e membros da comunidade em que vivem.

A APA (2022) aponta que o TDAH pode provocar prejuízos desde o início da infância, seguindo por toda a vida do indivíduo. Estes podem ser relacionados às áreas da atenção, organização, capacidade de executar tarefas corriqueiras, paciência, tolerância, impulsividade e inquietude.

A hiperatividade tende a se manifestar por meio de inquietação constante, podendo gerar desgaste ou incômodo em outras pessoas que estão desenvolvendo atividades com o hiperativo. Conforme a APA (2022), a impulsividade é referente a ações precipitadas ocorridas sem premeditação. Muitas vezes, a impulsividade é gerada na ânsia de o indivíduo querer explicar algo e nesse impulso, acaba por interromper atividades ou a fala de outras pessoas, causando constrangimento.

Para Castro e Lima (2018), a hiperatividade em jovens adultos pode apresentar excesso de atividades ou trabalho, já os traços de impulsividade podem se apresentar na forma de direção imprudente no trânsito ou relacionamentos amorosos e amizades de curta duração.

Ainda, a desatenção em adultos é notada a partir da execução de tarefas que exigem organização, além de dificuldades relacionadas à memória. Alecrim e Silva (2022) explicam que a desatenção no TDAH é tida como a apresentação de erros consecutivos, o que compromete o desempenho do indivíduo na realização de tarefas e o faz carregar o estereótipo de desatento e até mesmo, irresponsável.

Alecrim e Silva (2022) explicam que em cada fase da vida do sujeito com TDAH, um determinado sintoma se apresenta de forma mais acentuada. Isto é, na infância é mais visível a

hiperatividade. Na fase escolar nota-se a desatenção. Na adolescência, o sujeito apresenta grande nervosismo, impaciência, ansiedade, inquietude e na fase adulta, o sintoma da impulsividade torna-se sobressalente.

A APA (2022) ressalta que jovens adultos acometidos pelo TDAH provavelmente terão grandes prejuízos nos âmbitos acadêmico e profissional, pois é comum apresentarem um baixo desempenho nas tarefas, acarretando em uma grande probabilidade de repetência escolar e desemprego. Isso tudo gera elevados conflitos pessoais e interpessoais.

Para Assunção *et al.* (2022), os indivíduos acometidos pelo TDAH vivenciam muitos prejuízos no decorrer da infância e da adolescência, buscando respostas para entender o seu diagnóstico. Os autores defendem que pesquisas sobre os prejuízos do TDAH na vida adulta podem contribuir para o meio científico e acadêmico, bem como para os profissionais da saúde mental, auxiliando a compreensão dos possíveis prejuízos causados em jovens adultos, após receberem o diagnóstico tardio de TDAH.

Diante disso, a presente pesquisa teve como objetivo principal investigar quais são os prejuízos pessoal, social e educacional causados pelo diagnóstico tardio em jovens adultos com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade.

2 MÉTODOS

Com base em Vitalino (2019), a pesquisa é de natureza básica, através da abordagem qualitativa e tem por finalidade investigar os prejuízos causados no âmbito pessoal, social e educacional em jovens adultos pelo diagnóstico tardio de Transtorno de Déficit de Atenção e/ou Hiperatividade. A pesquisa é descritiva, considerando o tipo de estudo. O instrumento de coleta incluía os dados sociodemográficos e um roteiro de entrevista semiestruturado com 5 questões amplas. Para Duarte (2006), esse modelo de entrevista é mais flexível e permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos coletados nas entrevistas.

A análise dos dados foi feita por meio da análise de conteúdo que para Bardin (1977), pode ser definida por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. Para tanto, segundo Duarte (2006), a descrição e a análise dos dados obtidos têm por objetivo organizar as reflexões dos pesquisadores e avançar na estruturação consistente do trabalho, além de conduzir o futuro leitor do trabalho.

Os critérios de inclusão para a seleção da população da amostra foram: jovens adultos de qualquer gênero, raça, classe social ou etnia, tendo entre 18 e 27 anos que obtiveram diagnóstico tardio de TDAH. Além disso, deveriam obrigatoriamente estar matriculados e frequentando curso de um Centro Universitário, localizado na cidade de Cascavel, Oeste do Paraná. O número de participantes foi definido com base em dados levantados junto ao NAAE (Núcleo de Atendimento e Atenção ao Estudante) dessa Instituição o qual informou que 20 estudantes universitários foram registrados com diagnóstico de TDAH em 2023.

Foram critérios de exclusão: pessoas que não obtiverem diagnóstico fechado por um psiquiatra, psicólogo ou neurologista; pessoas com menos de 18 anos ou mais de 27 anos; aqueles que obtiveram diagnóstico na infância, pré-adolescência ou início da adolescência; os que não estejam matriculados nem frequentando a Instituição selecionada.

O contato com os participantes ocorreu somente após a aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), por meio da “Plataforma Brasil”, com o número do Parecer: 6.210.407 em 31 de julho de 2023. Desta forma, após a aprovação, os participantes foram convidados a assinar o Termo de Consentimento de Livre Esclarecimento (TCLE), e orientados em relação à pesquisa.

Foram selecionados 5 (cinco) participantes e as entrevistas duraram, em média, 20 minutos cada, sendo realizadas entre os dias 9 (nove) e 16 (dezesesseis) de agosto de 2023, as quais foram gravadas por meio do aplicativo de “Gravação de voz” e posteriormente transcritas para análise dos dados. Os nomes dos entrevistados da pesquisa foram mantidos em sigilo, sendo utilizados os nomes fictícios Amora, Maria, Heloísa, Jonas e José, no intuito de preservar suas identidades.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme mencionado acima, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com uma amostra de 5 participantes, com idade média de 21 anos, sendo 3 do gênero feminino e 2 do masculino. A partir das perguntas elaboradas para a entrevista, foi possível elencar 3 categorias e dentro delas, algumas subcategorias que demonstraram os prejuízos causados pelo diagnóstico tardio de TDAH.

As 3 grandes categorias elencadas após a análise dos dados foram: 1- prejuízos na trajetória escolar, 2- prejuízos sociais, 3- prejuízos pessoais. Após a análise de conteúdo das entrevistas elencou-se ainda, as seguintes subcategorias: 1- reprovação, recuperação, dificuldades enfrentadas na escola; 2- dificuldades enfrentadas com amigos, família e em

relacionamentos amorosos; 3- procrastinação, uso de drogas, compulsão, impulsividade, frustrações, autoestima, dificuldade no diagnóstico, dificuldades no tratamento e abuso de medicações.

Dessa maneira, para análise dos dados é importante observar o perfil dos participantes e o processo de diagnóstico tardio do TDAH, desta forma destaca-se nas tabelas a seguir.

3.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A amostra da pesquisa foi composta por participantes que receberam o diagnóstico tardio para o TDAH. A intenção do estudo foi compreender os aspectos subjetivos de cada participante, desvendando sua trajetória escolar, os prejuízos sentidos durante a infância e a fase adulta. Também foram investigados os preconceitos, as consequências dos sintomas do TDAH nas interações sociais, familiares e relacionamentos amorosos, assim como os impactos da impulsividade na adolescência e os desfechos do diagnóstico tardio. Na tabela 1 foram apresentados os dados do perfil dos participantes da pesquisa:

Tabela 1 – Perfil dos participantes da pesquisa

Participante	Idade	Gênero	Idade do fechamento diagnóstico de TDAH
Amora	19 anos	Feminino	17 anos
Luiza	21 anos	Feminino	18 anos
José	23 anos	Masculino	18 anos
Maria	19 anos	Feminino	18 anos
Jonas	25 anos	Masculino	16 anos

A partir da exposição de dados do perfil dos participantes da pesquisa, notou-se que os participantes Jonas, José e Luiza são os que têm mais tempo de diagnóstico do TDAH. Entretanto, todos os participantes tiveram suspeitas do TDAH desde a infância, a partir da experimentação de prejuízos na atenção, foco, leitura, hiperatividade, dificuldades para dormir, entre outros sintomas, conforme apresentado na tabela 2, os quais, de acordo com a APA (2022), são característicos do transtorno.

Tabela 2 – Trajetória até o fechamento do diagnóstico

Participante	Início da Suspeita	Experiências anteriores ao fechamento do diagnóstico TDAH
--------------	--------------------	---

Amora	Período Escolar	“Meu primo tinha falecido num acidente, eu estava muito ansiosa na época e eu fui até uma psicóloga começar o acompanhamento...”
Luiza	Desde a infância	“[...] daí meu psiquiatra olhou falo assim: cara, pronto, resolvemos o que você tem, você tem TDAH! [...] nos meus quinze anos ali, dezesseis.” “Quando entrei na faculdade, daí que eu comecei a ver algumas professoras, né...elas perceberam lodo no primeiro ano, assim que eu era muito lerda.” “[...] com a carta da minha psicóloga, com a carta da minha professora e aí ele (psiquiatra) falou assim: óh, então beleza, então vamo trataaa.. , e ali me diagnostico e deu o diagnóstico de TDAH...”
José	Desde a infância	“[...] desde a infância, né! Éhh...eu já tinha algumas suspeitas, mas nunca, nunca fui procurá algo do tipo, né...” “[...] a falta de atenção, a falta de me..., então, memória, então, ela (mãe de José) suspeitou e me achou necessário né...me levar ali pra um psiquiatra, né...um psicólogo e começa o tratamento. Mas, isso após os dezoito anos, né...por conta da suspeita...”
Maria	Desde a infância	“Desde criança, eu sempre percebi essa dificuldade em me concentrar e logo quando eu fui crescendo, eu fui vendo que não era normal para todo mundo e que eu tinha alguma coisa diferente, que essas pessoas.”
Jonas	Período escolar	“Eu, inicialmente, fui encaminhado por um neurologista pela psicóloga, que trabalhava no colégio em que eu estudava..., de 14 para 15 anos...”

Pelos depoimentos dos participantes que relataram sua trajetória até chegar ao diagnóstico, observa-se que todos já apresentavam sintomas do TDAH na infância e os mesmos ficaram evidentes no período escolar.

Castro e Lima (2022) apontam que os erros de diagnóstico fazem com que os sintomas do TDAH não sejam adequadamente tratados, gerando o prolongamento dos prejuízos e impactando de forma negativa o desenvolvimento da pessoa com TDAH ao longo da vida.

No caso de Luiza, houve muita dificuldade para o fechamento do diagnóstico correto, visto que ela passou anos frequentando psiquiatra e psicólogo, recebendo diagnósticos que não correspondiam à realidade de seus sintomas e tomando medicamentos que também não resolviam o seu real problema, o que gerou frustração e o abandono do acompanhamento desses

profissionais de saúde. Foi somente a partir da intervenção de sua professora que Luíza retornou a buscar ajuda em consultório psicológico, conseguindo enfim, fechar o diagnóstico do TDAH. Isso corrobora com as afirmações de Amaral *et al.* (2010) que apontam que os professores frequentemente são a primeira fonte de informação para determinar o diagnóstico do TDAH e na maioria das vezes, são eles que solicitam uma avaliação profissional para seu aluno.

Já os participantes Maria e Jonas revelaram que desde a infância podiam notar que algo não estava dentro dos padrões, principalmente diante das dificuldades de aprendizagem na escola e a partir delas, ambos foram buscar tratamento com profissionais da saúde mental e apesar das suspeitas, levaram alguns anos para fechar o diagnóstico do TDAH. Para Barkley (2002) e Silva (2009), é fundamental se obter um diagnóstico assertivo e preciso, pois é através dele que se dá o adequado manejo e tratamento na infância, evitando maiores prejuízos na vida adulta. Para isso, é de suma importância o treinamento de psicólogos e médicos, com atualizações constantes, entendendo as diferentes causas e sintomas do transtorno.

Nos casos de Amora e José, seus psicólogos e psiquiatras conseguiram fechar o diagnóstico de forma assertiva logo no início do tratamento. No caso de Amora, ela relata que começou a ter crises de ansiedade após a morte do primo e, por conta disso, buscou ajuda profissional. Durante a investigação, o psicólogo identificou que os sintomas de ansiedade apresentados por ela eram relacionados ao TDAH. No caso do participante José, apesar de haver suspeitas desde a sua infância, ele nunca havia passado por consultas com psicólogos e psiquiatras. Somente com a desconfiança de sua mãe sobre suas falhas na memória, falta de atenção e algumas manias apresentadas durante o percurso escolar é que, aos 18 anos, o jovem iniciou consultas com psicólogos obtendo, em poucos meses, o diagnóstico do TDAH. Sobre isso, Bernardes e Siqueira (2022) destacam que algumas pessoas com TDAH demoram para buscar o tratamento, apesar dos sintomas evidentes e, dessa maneira, não são diagnosticadas e têm o agravamento desses sintomas.

3.2 PREJUÍZOS NA TRAJETÓRIA ESCOLAR

De forma unânime, os 5 participantes da pesquisa revelaram que tiveram dificuldades durante o percurso escolar, algumas persistindo também na trajetória universitária. A tabela 3 apresenta as principais evidências sobre as dificuldades enfrentadas na trajetória escolar, extraídas das falas dos participantes da pesquisa:

Tabela 3 – Dificuldades enfrentadas no percurso escolar

Participante	Dificuldades enfrentadas	Reprovação	Recuperação
Amora	“Eu sempre tive muita dificuldade nas matérias de exatas...” “Hoje eu entendo que eu tinha um hiperfoco” “[...] os pais são chamados porque eu conversava muito, porque eu era, eu andava de um lado para o outro, ih aí, eu não entendia também, eu ficava muito incomodada com a questão da escola.”	Não houve reprovação.	“Eu pegava a recuperação até, tipo, as últimas, dos últimos jeito de pegar a recuperação, eu pegava...”
Luiza	“[...] não conseguia, néhh, prestar atenção, não conseguia manter meu foco, não conseguia fazer leituras que nem todo mundo fazia.” “Eu sempre tava tipo, muito abaixo da média.”	Não houve reprovação.	“Sempre ficava de recuperação.”
José	“Eu sempre ficava com uma notinha vermelha, ou uma ou duas...”	“No primeiro ano do ensino médio eu reprovei.”	Não houve informações.
Maria	“Eu percebia que eu não conseguia focar do mesmo jeito que outras pessoas da minha sala focavam.” “Quando eu estava sozinha, tentando estudar, minha mente ia para outro lugar, que eu estava tentando não ir...” “[...] éh...nunca foi boa exatas, nunca gostei, nunca conseguia entender muito bem humanas.” “Até hoje em dia, tenho dificuldade em escrever palavras com acento.”	Não houve reprovação.	Não houve informações.
Jonas	“Eu sempre tive um pouco de dificuldade com exatas em geral, bastante!” “Eu não conseguia prestar atenção na aula e eu me perdia no conteúdo e quando eu via já tinha ido trem, sabe! Já tinha passado e tinha ficado pra trás.” “[...] eu conversava com pessoas da minha faixa etária, elas falavam, tipo: Cara, é só sentar e estudar. Sabe, eu faço isso antes da prova. E eu ficava tipo: rrsrh, eu não consigo...kkkk...”	Não houve reprovação.	“Se diz de reprovação acadêmica? De eu ter repetido algum ano, não. Eu passei perto várias vezes em matemática principalmente, mas nunca aconteceu efetivamente, porque eu corria muito atrás assim de, é..., conseguir um professor particular...”

Conforme os dados da tabela, os participantes tiveram grandes prejuízos no âmbito educacional, tais como: dificuldade para prestar atenção no conteúdo ensinado em sala de aula, obtenção de notas vermelhas e passar perto de reprovações. Apenas José reprovou. Sobre isso, Silva (2009) salienta que é na vida escolar do indivíduo que os problemas decorrentes do TDAH ficam mais evidentes. Desde a sua infância, o desempenho escolar é instável, visto que o indivíduo realiza a maioria das atividades e trabalhos com baixa qualidade. A causa dessa instabilidade no desempenho escolar reside na hiperatividade, resultando no déficit de atenção.

Nunes e Geller (2017) relatam que a falta de atenção faz parecer que o aluno com TDAH não esteja ouvindo o professor, levando-o a cometer erros e a sentir dificuldades de seguir instruções e de se organizar. De fato, esse aluno com TDAH não gosta de tarefas que exijam esforço mental prolongado, podendo se distrair e esquecer-se com facilidade, além de perder objetos que são necessários para a realização das atividades.

O participante Jonas relata sobre as dificuldades de atenção e foco, problemas que o acompanharam durante toda a sua trajetória escolar e para driblar essas adversidades, Jonas desenvolveu uma técnica para se manter mais concentrado e absorver o que o professor falava durante as aulas, conforme abaixo:

“Eu não tinha o diagnóstico ainda, mas eu sabia que a minha concentração ela funcionava de um jeito diferente, sabe que eu tinha que ter maneiras de conseguir prestar atenção em coisas que eu não queria, e uma técnica para chamar assim é que eu desenvolvi durante o ensino fundamental e médio, foi que eu percebi que se eu, ocupasse meu tempo desenhando, se eu tivesse com o meu caderno na minha frente aberto desenhando, eu consegui ouvir o que o professor estava falando. E eu realmente não dispersava tanto, porque eu tava focado nisso aqui que eu tava fazendo, e conseguia ouvir o que o professor falava! Então, naturalmente, eu não copiava a matéria, eu desenhava, e tudo bem, porque quando eu consigo prestar atenção, eu absorvo bem o conteúdo, eu comecei ir bem nas provas.” (JONAS, 2023)

Ainda acerca dos prejuízos escolares, conforme observado na tabela, os participantes da pesquisa afirmaram que tiravam notas vermelhas frequentemente. Somente Maria afirmou que, apesar de não alcançar as melhores notas, ficava ao menos na média. Essa participante afirmou que tem dificuldades com a leitura sobre temas pelos quais não se interessa muito, até nos dias atuais, como citado abaixo:

“Eu tinha que ler e reler várias vezes, eu tinha muito sono. Até hoje em dia, para ler alguma coisa que não é muito algo que eu gosto, eu tenho que ler muitas vezes e no meio disso eu tô na outra página eu já esqueci o que eu li antes, e daí eu fico: Meu Deus, que que eu li? E daí eu tenho que voltar e ler de novo. E isso não mudou muito, não é, continua assim.” (MARIA, 2023)

As dificuldades de aprendizagem eram maiores com os temas que não estavam contextualizados à realidade dos participantes da pesquisa, pois dificilmente conseguiam manter o foco em algo sem significado ou importância para eles, conforme relatado em seus depoimentos. Sobre essas dificuldades, os autores Jangmo *et al.* (2019) e Barkley (2002) afirmam que os adolescentes com TDAH obtêm notas mais baixas e apresentam piores resultados no âmbito acadêmico, podendo até chegar a reprovação, por não conseguirem ter o mesmo desempenho que outros alunos sem TDAH nos trabalhos escolares. Dessa maneira, a trajetória escolar de José foi marcada pelas dificuldades de aprendizagem que geraram as notas vermelhas em seu boletim, além de trazer outras consequências negativas, como o fato de a sua escola premiar os estudantes que tiravam notas azuis, como relata:

“[...] então, eu sempre estudei no colégio X, néhh! E no colégio, eu estudei lá por doze anos e tinha a chamada festa do azul, que era só pra galera que tirava nota azul. Iiihh assim, eu sempre ficava com uma notinha vermelha, ou uma ou duas, néhh...Ééé.. e isso me pegava bastante, porque eu nunca conseguia ir na festa do azul.” (JOSÉ, 2023)

Por fim, suas dificuldades de aprendizagem levaram Jonas ao constrangimento de ser excluído do evento relatado, realizado em sua escola e provocaram a sua reprovação no primeiro ano do ensino médio.

Em contraponto à falta de foco apresentada por alguns participantes, Amora descobriu que tinha hiperfoco em seu tempo de escola, pois mesmo apresentando muitas dificuldades nas matérias de exatas, ela conseguia acompanhar bem as disciplinas de História, Língua Portuguesa e Língua Inglesa:

“[...] eu ia muito bem, eu não tirava nota boa, mas eu entendia, eu entendia muito e eu ia muito bem, assim, nessas matérias. Só que nas outras eu vacilava muito, não entendia o porquê disso. Ih...mas eu era sempre uma pessoa muito, sabe, que os pais são chamados, porque eu conversava muito, porque eu era, eu andava de um lado para o outro. Ih aí, eu não entendia também, eu ficava muito incomodada com a questão da escola.” (AMORA, 2023)

Para Silva (2009), o hiperfoco é uma das características de pessoas com TDAH, sendo a capacidade de se concentrar em alguma atividade e permanecer horas hiperconcentrada. Dessa maneira, parece mais adequado usar o termo instabilidade de atenção em vez de déficit de atenção.

“Quando eu comecei a estudar teatro, eu não lembro que idade eu tinha e eu percebi que eu estudava muito e que ali eu tinha muita facilidade e que ali foi indo, foi indo, foi indo. Hoje eu entendo que foi um hiperfoco e que eu amava aquilo, só que pra mim era só porque eu não...eu não entendia as coisas da escola e aquilo era um alívio.” (AMORA, 2023)

Assim como Amora, a participante Maria também revelou que tem hiperfoco, e que se concentra ouvindo música, pois isso ajuda a manter a atenção no que está fazendo. Dentro desse contexto, Rangel e Loos (2011) destacam que grande parte das pessoas com TDAH apresentam o hiperfoco, sendo ele proveniente da hiperatividade que é capaz de gerar uma capacidade acima do normal de se concentrar em uma atividade importante por muito tempo. Isso ocorre porque o TDAH está relacionado a um desequilíbrio do controle de atenção. Dessa forma, quem apresenta o transtorno tem dificuldade em manter o comando sobre o nível e a duração da concentração. Essa hiperatividade cerebral é revestida de uma forte carga emocional, havendo um desprendimento muito grande de energia, tanto psíquica quanto física que, quando não dosada, pode causar prejuízos ao indivíduo.

Como foi possível observar, a categoria dos prejuízos escolares se fez presente junto a todos os participantes, durante suas trajetórias escolares. Os principais prejuízos apresentados foram a falta de concentração, falta de foco, dificuldade de prestar atenção, desinteresse em disciplinas cujos conceitos não faziam sentido para a sua realidade imediata e discriminações dos colegas. Esses prejuízos levavam à recuperação e, em alguns casos, à repetência.

3.3 PREJUÍZOS SOCIAIS

Na tabela 4, apresentam-se os dados da categoria dos prejuízos sociais do TDAH, bem como as subcategorias das dificuldades no âmbito das amizades, da família e dos relacionamentos amorosos.

Tabela 4 – Prejuízos sociais

Participante	Dificuldades enfrentadas com amigos e colegas	Dificuldades na família	Dificuldades em relacionamentos amorosos
--------------	---	-------------------------	--

Amora	“Eu sempre tive isso, das pessoas me chamarem de burra, desde pequenininha.” “Você é burrinha! Igual passa nos filmes uma loirinha burrinha. Eu achava engraçadinho essas coisas.” “As pessoas não falavam pela brincadeira que eu achava que elas falavam!” “Com amizades na verdade, era bem difícil! Eu sempre fui uma pessoa que teve poucos amigos...” “[...] até hoje falam disso, deu não sê esforçada, porque eu faço minhas provas rápido, eu não ser esforçada, porque eu deixo trabalhos pra última hora.”	“Eles se revezavam porque ninguém aguentava ficar comigo.”	“[...] foi um relacionamento tóxico, éhh, e eu desenvolvi bulimia, e depois de muito tempo, eu comecei a ficar muito mal com essas coisas a ficar muito mal com quem me chamava de burra”.
Luiza	“Me chamava muito di burra, di di retardada, di lesa...” “[...] muuiito fácil. Era um oi, já estava apaixonada e meus amigos tipo assim, tudo que eles pediam pra mim, eu fazia mesmo que esse pedido me possa causar algum sofrimento pra mim.”	“Cara eu tinha arrependimento, muito, mas mesmo assim, dava uma vontade absurda de fazer de novo...foi a mesma coisa com o cigarro, sabia que era errado, me arrependia porque meu pai sempre ...éhh...falava não, você e o meu irmão, eu e meu irmão, nunca chegar perto de droga, de cigarro, etc...”	“Nunca meus relacionamentos passavam de um mês.” “[...] muito ciúme, muito ciúme, muita, muita. Tipo assim, um sentimento de possessão sobre a pessoa, sabe? Di, haim, e..você pertence a mim, sabe, eu não quero que você pertença a mais ninguém!”
José	Não houve prejuízos relatados.	“A família é muito pega nos pais, porque a minha mãe ela sempre me cobra muito de coisa que eu esqueço. Muito de ...éhh...por exemplo: É prejuízo mesmo que dá por conta do TDAH.”	“Primeiro relacionamento que eu tive, atrapalhou bastante, porque eu não ainda sabia, néh! Eu tinha quinze anos, então me atrapalhou bastante, porque acabava entrando em conflito ali, coisa de falta de memória que a outra pessoa não entendia...”

Maria	“[...] trouxe o prejuízo de, às vezes, não ter tantos amigos assim e de pôr eu não fazer tanta questão e não ter tantos amigos, sabe?”	Não houve prejuízos relatados.	“[...] de relacionamentos amorosos, eu só não consigo, às vezes, lembrar muito sobre o que a pessoa falou, é, então, as vezes a pessoa pede alguma coisa rápida, tipo: Pega não sei o que lá pra mim, aí eu já fiz outra coisa e esqueci de pegar, sabe?”
Jonas	“[...] por questão de ser meio avoado na cabeça, assim eu esquecer de datas e compromissos importantes que eu marquei.”	“Quando se tratava de família, eu geralmente assim., meu pai vinha e brigava comigo. Por exemplo: porque, ahh, eu tava tendo problema no colégio, alguma coisa assim decorrente ao o TDAH eu me senti um ser humano horrível...”	“Quando se tratava de relacionamentos amorosos, eu pensava, geralmente, por sê negócio de esquecer data, só atribuir algo humano, sempre falei: Cara, isso é normal, pelo amor de Deus, não tem porque você ficar bravo por causa disso, sabe?”

Segundo Oliveira (2022), o sujeito com TDAH enfrenta inúmeras dificuldades na vida social, principalmente relacionadas à incompreensão das pessoas acerca do transtorno. Através dos relatos dos participantes, ficou claro que muitos deles passaram por essa incompreensão, como relatou Amora que desde sua infância, a palavra “burra” foi direcionada a ela, de maneira ofensiva e isso fez parte de sua trajetória. Sant’Anna *et al.* (2015) considera que para lidar com uma criança com TDAH, o adulto precisa conhecer o transtorno e saber diferenciá-lo da má educação, desobediência e preguiça. No entanto, quando Amora teve o diagnóstico do TDAH, ela começou a notar que a ofensa não se tratava de simples brincadeira. A mesma questão vivenciou Luíza, como observado em sua fala transcrita na tabela acima, sobre o fato de a chamarem de “burra” e de “lesa”, por não conseguir acompanhar o raciocínio dos demais colegas de classe.

Outro fator que se observa como um prejuízo é a relação muito intensa com seus amigos, conforme relatou Luíza, o que acarretava problemas para ela. Pelas situações extremas a que chegou para agradar os amigos, Luíza chegou a colocar a sua própria vida em risco:

“[...] com os meus amigos sempre tive aquela vontade, uma vontade assim minha de mostrar que eu sei fazer coisas tipo dirigir, eu dirijo desde os dez anos, então eu era a única amiga assim no meu meio de amigos ali na adolescência que dirigia e que podia pegar o carro. Aí o que eu fazia, eu fazia merda, corria muito, fazia drift, tipo assim, coisas assim que não.... que colocava muito na minha vida o risco. Quase capotei um carro com quinze anos!” (LUIZA, 2023)

Nesse sentido, segundo Assunção *et al.* (2022), a impulsividade no adulto com TDAH gera o término precoce de relacionamentos amorosos e o afastamento de relacionamentos do seu círculo social. Por conta da impulsividade, o sujeito com TDAH se envolve frequentemente em situações que o colocam em risco e podem levar a graves consequências.

Por sua vez, a hiperatividade vivenciada por José na adolescência fez com que ele se tornasse popular entre os seus amigos. Já para Maria, a sua adolescência foi marcada pela autopercepção como uma pessoa diferente das demais, o que gerava um esforço maior para alcançar o mesmo nível de realização de tarefas e aceitação:

“[...] na vida pessoal mesmo, eu sempre fui uma pessoa diferente das outras assim, então, acho que até pelo fato é de ser lésbica, isso também ajuda um pouco, sabe, com autoestima. Então, eu nunca, tipo, fazia parte daquele momento onde as meninas recebem uma cartinha dos namorados da escola quando é criança. Então, isso também magoava um pouco minha autoestima, mas nada que eu ficasse tão triste sobre. Tipo, eu não sabia, mas eu, sabe, não sei explicar algo sobre isso.” (MARIA, 2023)

Com relação aos prejuízos sociais, os pesquisados demonstraram que na dimensão social, pessoal e em relacionamentos amorosos, vivenciaram situações desagradáveis que podem ser associadas ao TDAH. Nesse sentido, para Barkley (2002), os portadores do transtorno podem ser rotulados de negligentes, descuidados ou imaturos, o que traz consequências negativas para a autoestima deles.

Partindo dos amigos, houve relatos de *Bullying*, incompreensões, acusações que não correspondiam ao que realmente acontecia, como a falta de compromisso com os estudos. Neste contexto, Neto (2005) define *bullying* como toda atitude agressiva, intencional e repetida que ocorre sem uma motivação evidente, adotada por um ou mais estudantes contra o outro(a), causando angústia e dor, dentro de uma situação desigual de poder.

Dentre os prejuízos que permearam essa categoria, o principal foi o do esquecimento. Por terem dificuldades com a memorização de datas comemorativas, sobretudo de aniversário e de compromissos marcados, tiveram relacionamentos amorosos encurtados e receberam a incompreensão dos familiares. Nesse sentido, Oliveira e Miranda (2020) apontam para a desatenção e falta de memória como características que causam problemas na relação familiar e interpessoal. A incapacidade de se lembrar de pequenos pedidos, de cumprir o que foi prometido, de lembrar detalhes ou datas importantes, parece produzir nas pessoas de seu convívio o sentimento de desprestígio.

Conforme os relatos da tabela acima, Luiza e José mencionaram que foram expostos a diversas situações de risco, por conta da impulsividade e da hiperatividade, relacionadas ao

TDAH. Sobre isso, segundo Pellegrinelli *et al.* (2022), os jovens e adultos acometidos pelo TDAH, com predominância dos sintomas de hiperatividade e impulsividade, têm relacionamentos mais instáveis. Esse fato pode ser notado na presente pesquisa, visto que Luiza e José demonstraram ter impulsividade. Amora, Luiza e Jonas tiveram relacionamentos curtos e problemáticos. Maria foi a única participante considerada tranquila desde a infância, evidenciando uma menor relação com a impulsividade e a hiperatividade, então ela pôde ter relacionamentos mais estáveis.

3.4 PREJUÍZOS PESSOAIS

Os participantes da pesquisa relataram diferentes prejuízos sofridos na dimensão pessoal. Os prejuízos apresentados foram agrupados e apresentados na tabela 5:

Tabela 5 – Prejuízos pessoais

Participante	Prejuízos
Amora	“Eu tenho problema de consumismo.” “Eu tive a compulsão alimentar.”
Luiza	(sobre procrastinação) “[...] muito...tenho até hoje!” “[...] compulsão que eu tive, era mais sobre coisas ilegais, digamos assim...” “[...] eu me cobrava muito...” “Comecei usar droga, muito cedo também...”
José	“Eu tive um problema com droga.” “[...] eu fui que tranquei a faculdade...”
Maria	“Sim, eu sempre tive com drogas.” “Procrastinar eu procrastino tudo até hoje, assim...” “Tive episódio com cocaína, então tipo assim, muita coisa realmente muito impulso sabe por vontade de só fazer, é inclusive o episódio com uso...”
Jonas	“Porque tinha muitos problemas assim no trabalho daí. Que eu tinha é tarefas chatas para fazer e tal que acabavam, que eu ficava procrastinando muito...” “Eu acabo perdendo interesse muito rápido e deixo de ser produtivo...”

A partir da investigação sobre os prejuízos pessoais sofridos pelos entrevistados, ficou evidenciado que a procrastinação é um dos sintomas que mais gera desconforto e prejuízos na vida de Luíza, Maria e Jonas. Para Assunção *et al.* (2022), a procrastinação é uma característica comum e gera muitos prejuízos em pessoas com TDAH, pois o sujeito, ao procrastinar, tem prejuízos concretos com estudos, trabalhos, compromissos e recebe o julgamento de descompromissado, de que não se dedica o suficiente às atividades a que se propõe.

Para Costa (2007), a incompreensão da maioria das pessoas acerca dos sintomas relacionados ao TDAH, faz com que o sujeito acometido pelo transtorno passe a se comparar

com outras pessoas, buscando se enquadrar em certo padrão de normalidade. Essa padronização gera prejuízos pessoais ao não se alcançar os mesmos resultados obtidos por outros, como revela Luíza (2023): *“Eu me cobrava muito e ficava, tipo: Cara, você não pode ser assim! Porque se todo mundo consegue prestar atenção, consegue ser inteligente, consegue tirar nota alta, você também consegue...”*

Silva (2009) aponta que pessoas com TDAH geralmente apresentam baixa autoestima e uma forte descrença nelas mesmas, sendo tomadas por um sentimento de baixa valia e inadequação. Suas queixas se baseiam, quase sempre, na dificuldade de organização e grande impulsividade. Já Oliveira (2009) destaca que, devido ao déficit de atenção, pessoas com TDAH se sentem frustradas, pois não conseguem acompanhar o ritmo dos outros colegas nem memorizar ou absorver o aprendizado, por mais que se esforcem. Esses pontos são mencionados por Maria que se sentia chateada ao ser comparada com as outras crianças, em seu tempo na escola, percebendo que suas notas não superavam a média, mesmo se esforçando bem mais que os demais:

“Na infância, eu sempre me senti uma pessoa mais esforçada do que inteligente. Então, eu sempre fui muito mais esforço do que da própria inteligência. Então isso me deixava muito chateada, assim. Eu ficava pensando: Nossa, eu faço tanto, tanto ou igual a essas pessoas que estão tirando notas altas e eu nunca consigo tirar nenhuma? Então, isso me deixava muito triste, éh ... de sempre ser tipo, ali, na média, sabe? Tipo, é suficiente, mas não era onde eu queria tá. Então isso sempre foi algo que me chateou”. (MARIA, 2023)

Os prejuízos pessoais ocuparam grande espaço nos depoimentos dos participantes. Nesse sentido, segundo Silva (2009), um sentimento que parece tomar conta do consciente do indivíduo com TDAH é o de menos valia, visto que se sentem bem inferiores em comparação às pessoas de seu convívio, com elevada frequência. Esse apontamento do autor corrobora com os relatos de Maria e Luiza.

Outro ponto importante nos prejuízos pessoais, citado por Amora, foi a compulsão alimentar, que lhe acarretou bulimia. Segundo a APA (2022), pessoas com TDAH são mais propensas a sofrer de desordens coexistentes, tais como ansiedade, bulimia, anorexia e/ou depressão, problemas relacionados com a autoestima, bem como uma série de outras condições que envolvam a imagem, a desenvoltura interpessoal e a interação social. Por fim, os transtornos alimentares são apontados como uma possível comorbidade entre as pessoas com TDAH, principalmente entre as mulheres.

Conforme Alencar *et al.* (2021), em casos de TDAH não tratado, há uma maior probabilidade de alterações comportamentais, seguido pelo uso e abuso de substâncias nocivas,

notadamente drogas lícitas e ilícitas, culminando na dependência delas. Conforme observado e relatado por Luíza, a impulsividade gerou comportamentos prejudiciais e ilegais. Em sua fala ela evidenciou o uso de drogas como cocaína, maconha e cigarro, além de cometerem atos inconsequentes como furto e direção perigosa. Segundo Castro e Lima (2018) e a APA (2022), os traços de impulsividade podem ser observados em comportamentos de risco como: abuso de substâncias como a cocaína, a maconha (sendo duas vezes mais prevalente em sujeitos com TDAH do que na população geral) e o tabaco, além de direção perigosa, sexo sem proteção, relacionamentos amorosos de curta duração, delitos de pequena e grande monta, dificuldades de se manter em empregos, dentre outros, são problemas característicos de pessoas acometidas por TDAH.

Luíza explicou que a impulsividade se misturava à frustração por ninguém compreender ou ajudar, o que fomentava mais a impulsividade: “[...] a cocaína teve um gatilho de tipo, que aconteceu um negócio na minha vida assim e eu não conseguia, eu não queria pedir ajuda, porque eu sempre pedi e nunca me ajudavam.” Segundo Alves (2019), muitas vezes, os sintomas do transtorno se camuflam, pois eles não são evidentes e têm reflexos em problemas de relacionamentos afetivos e interpessoais, de organização, de humor, ou abuso de substâncias, os quais podem estar presentes junto a outras comorbidades.

O uso de drogas também afetou Maria, quem relata o uso de maconha desde a sua adolescência, conforme a seguir:

“Eu comecei a usar maconha muito cedo. A primeira vez que eu fumei maconha com 14 anos e depois disso, eu, tipo, tive um tempo da minha vida que eu realmente fui viciada assim, tipo, usava de manhã, antes de ir pra aula com meus amigos. Então, tipo, eu acho que foi uma coisa mais social também, porque eu estava ali, né?” (MARIA, 2023)

Segundo Alencar *et al.* (2021), a predisposição à dependência de substâncias químicas ocorre devido à hiperatividade e à impulsividade, que gera insegurança e baixa autoestima pela falta de regulação emocional do indivíduo com TDAH que, através do uso de drogas, busca amenizar seus sintomas. Ao fazer uso de algum tipo dessas substâncias, como aponta Oliveira e Miranda (2020), o indivíduo com o transtorno tem a falsa sensação de controlar seus impulsos, se sente mais seguro para lidar com os problemas cotidianos, o que lhe proporciona prazer.

No caso de José, a impulsividade e histórico de abuso de drogas ilícitas levaram o mesmo a associar o uso da cocaína ao ciclo abusivo da Ritalina:

“Eu usei um tempo a Ritalina. Cheguei até usar trinta miligrama, então, quando eu usei cocaína, eu assimilei néh, então comecei a usar para estudar, comecei a usar para

trabalhar, comecei a usar para tudo e quando eu vi estava mais desatento que não sei o que, mais esquecido que não sei o que, me prejudicou para cacete!!” (JOSÉ, 2023)

Conforme Assunção *et al.* (2022), os estimulantes Ritalina, Venvance e Concerta são os medicamentos mais amplamente testados e comumente prescritos para o tratamento de TDAH a longo prazo. Apesar do uso desse tipo de medicamento apresentar benefícios, também há riscos que necessitam ser pensados com critério, pelo psiquiatra ou neurologista, para definir a necessidade da prescrição. Para Kato (2023), há uma real necessidade de ponderação ao prescrever esse tipo de medicação, pois a utilização abusiva pode ocasionar graves prejuízos à saúde e acarretar vários efeitos colaterais de curto e longo prazo. Além disso, o autor alerta que os usuários desse tipo de medicamento apresentam um alto risco de desenvolverem dependência, se não bem administrados.

Silva (2018) destaca que, com o auxílio profissional adequado, o que era algo negativo passa a ser reconhecido como uma identificação, um encontro. No caso de José, o diagnóstico permitiu a ele compreender os significados de muitas situações que estava vivendo, e enxergar um caminho para que pudesse se adaptar a elas:

“Quando teve o diagnóstico, fez sentido, porque muita coisa foi explicada para mim. Então eu comecei a estudar e comecei ir atrás como funcionava a mente do TDAH. Então eu vi que não era bem assim, era só eu me adaptar...” (JOSÉ, 2023)

Para Oliveira (2022), o diagnóstico oferece respostas para o sofrimento e mal-estar do indivíduo com TDAH, pois existe a possibilidade de cura ou tratamento, sendo uma eventual explicação para um comportamento que é tido como diferente ou indesejado, por se desviar do “normal”. Inclusive, o diagnóstico alivia o sentimento de culpa pelos comportamentos disfuncionais dos que eram vistos e julgados como únicos responsáveis por suas condutas.

Por outro lado, para Brzozowski e Diehl (2013), o diagnóstico do TDAH pode apresentar uma exculpação para a família e para o próprio indivíduo, pois comportamentos tidos como falta de educação ou preguiça se transformam em sintomas de uma doença. Podemos observar isso no caso de Maria, ao relatar que já sabia que era diferente dos demais, desde a sua infância. Como nem a sua família acreditava, o diagnóstico foi importante para a compreensão de tudo que ela tinha vivenciado até ali.

Phelan (2005), Barkley (2022) e Kato (2023) mencionam que o diagnóstico errôneo, o tratamento inadequado ou a ausência de diagnóstico podem ocasionar agravos à saúde e bem-estar dos indivíduos com TDAH. Dessa maneira, o diagnóstico precoce e tratamento adequado podem reduzir os sintomas de maneira significativa. Para Maria, se o diagnóstico tivesse sido fechado precocemente, sua vida poderia ter sido diferente, uma vez que sua família teria maior

paciência para auxiliá-la em deveres da escola e compreender alguns de seus comportamentos. Além disso, ela não se cobraria tanto por situações relacionadas à impulsividade, o déficit de atenção e a hiperatividade. Contudo, para Hacking (2000), muitas vezes o indivíduo com TDAH ou a sua família passam a ver certas características comportamentais anteriores como problemas, somente após o diagnóstico.

Pelo depoimento de Jonas, nota-se que mesmo diante da frustração inicial, ao final houve o reconhecimento de que, a partir do fechamento do diagnóstico, há possibilidades de se trilhar novos caminhos para se adaptar ao transtorno:

“É engraçado pensar nisso também, porque eu lembro que eu, eu fiquei num estado de quase luto, sabe, porque eu pensei: nossa, acabou minha vida, eu vou ter que tomar remédio para a cabeça! Páh, eu sou louco, sabe! Eu sou diferente! Mas, hoje em dia, eu acho que tipo visível, sabe? Eu acho que é um negócio muito, muito fácil de você...é... aprender a conviver com. Logicamente, você tem degraus.” (JONAS, 2023)

A partir da aceitação do diagnóstico do TDAH, é que Jonas passou a tomar medicação e se enxergar a partir nova autopercepção e criação de significados:

“Foi uma situação meio que quando passou o luto, assim eu pude começar a tomar um medicamento e falar, OK, agora faz sentido, sabe, o porquê que eu realmente não sou um ser humano horrível, só estava...eu só estava no lugar errado, na hora errada assim e aí, eu até comecei a tomar o medicamento, comecei a ir super bem nas matérias que eu não me... exatas e tudo mais, e começava a fazer sentido para mim, sabe, porque eu podia parar e olhar para o professor e ele falava as coisas, eu ficava tipo: Ahhh...agora eu tô entendendo!” (JONAS, 2023)

Com o diagnóstico, Jonas revelou que os medicamentos Ritalina e Venvanse o auxiliaram a ter concentração e melhor desempenho nos estudos. Todavia, ele chegou à dose máxima do Venvanse, com o passar do tempo. Tal situação fez com que seu pai lhe chamasse a atenção por causa do alto valor do medicamento. Jonas esclareceu que conseguiu se adaptar a essa realidade, deixando o consumo restrito a situações como provas importantes ou aquelas que exijam muito foco e atenção.

Nesse viés, Barkley (2002) salienta que nenhum destes tratamentos promove a cura do TDAH, mas a redução temporária dos sintomas e dificuldades associadas ao problema, tais como depressão, baixa autoestima, resistência à medicação, em alguns casos e dependência dela, em outros. A partir do momento em que se entende o TDAH, o sofrimento do indivíduo é reduzido. Desse modo, aprender a lidar com transtorno, buscando autoconhecimento, traz uma melhor adequação e mais qualidade de vida à pessoa.

Podemos notar que o diagnóstico tardio trouxe agravantes na vida dos participantes da pesquisa. Conforme destaca Oliveira (2022), é importante buscar tratamento e sobretudo

conhecimento sobre os sintomas centrais do TDAH e também os possíveis sintomas secundários. Como relatado pelos pesquisados, o diagnóstico, o tratamento medicamentoso e psicoterápico, a busca por informações sobre o transtorno, bem como o autoconhecimento trouxeram benefícios, no sentido de adoção de estratégias de enfrentamento e melhoria da qualidade de vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a presente pesquisa, observa-se que o objetivo de investigar os prejuízos causados no âmbito pessoal, social e educacional em jovens adultos pelo diagnóstico tardio de Transtorno de Déficit de Atenção e/ou Hiperatividade foi alcançado.

A partir da análise de conteúdo e dos recortes das falas dos participantes foi possível observar os prejuízos causados nos três âmbitos elencados e o desdobramento em cada uma das categorias dos prejuízos mencionados. Dessa forma, ficou evidenciado que os sintomas do TDAH são percebidos entre a infância e a adolescência, ainda na escolarização, porém o diagnóstico só aconteceu ao final da adolescência. Os sintomas como impulsividade, déficit de atenção e hiperatividade foram fatores que trouxeram prejuízos nas dimensões pessoal, social e educacional.

Através da presente pesquisa, ficou claro que todos os participantes tiveram dificuldades de aprendizagem durante o ciclo escolar, obtiveram notas abaixo da expectativa, apesar dos esforços na compreensão das disciplinas, enfrentaram períodos de recuperação e reprovação. Na dimensão social, houve prejuízos nos relacionamentos amorosos, nas amizades e com familiares, devido aos sintomas de impulsividade, falta de memória, além de déficit de atenção e hiperatividade. Com relação aos prejuízos pessoais, foram apontados o uso de drogas, abuso de medicações, compulsão alimentar, comportamentos de risco e a procrastinação.

Considera-se que o diagnóstico do TDAH é o primeiro passo para que o sujeito possa compreender os fatores que o levam a agir e pensar de forma diferente das pessoas que compõem seu círculo social, se adaptando e criando estratégias que lhe conferem maior qualidade de vida. Os prejuízos do TDAH, na presente pesquisa, foram relatados por diferentes perspectivas, tornando as evidências heterogêneas. Por fim, é de suma importância que mais estudos sejam realizados para melhor compreender padrões de prejuízos causados pelo TDAH na vida de jovens adultos com diagnóstico tardio.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Camila Freire; ALBUQUERQUE, Firmina, H. S.; SOUZA, Lidiane Moreira de Lima; PEREIRA, Simony Barroso. **Dificuldades e consequências do diagnóstico tardio de TDAH: revisão integrativa.** Contemporânea - Revista de Ética e Filosofia Política, v. 3, n. 6, p. 5685-5701, 2023. Acesso em: 12 de outubro de 2023. Disponível em: [file:///C:/Users/Cliente/Downloads/Cont.+--+DOI+053%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Cliente/Downloads/Cont.+--+DOI+053%20(1).pdf)

ALECRIM, Ednei Messias; SILVA, Magna Rosa. **Implicações do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade – TDAH na vida adulta.** In: Anais do VIII Congresso Nacional de Educação, 2022. Acesso em: 24 de setembro de 2023. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/88605>.

ALENCAR, Hualisson P. de Souza; COSTA, Tamiris Oliveira; OLIVEIRA, Cristian Franklin Lopes; RAMOS, Denny Vitor Barbosa. **TDAH como fator de risco para o uso de drogas de abuso: uma revisão da literatura.** Porto Velho: Brazilian Journal of Development, 2021.

ALVES, Isabella Nara Costa. **A maior incidência masculina nas dificuldades e transtornos de aprendizagem: interseções entre gênero e raça.** Campo Grande: Anais IV Desfazendo Gênero, 2019. Acesso em: 17 de outubro de 2023. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/desfazendo-genero/2018/TRABALHO_EV129_MD1_SA30_ID50_16082019091345.pdf

ASSUNÇÃO, Daniel Sena; BARCELLOS, Gabriel Milhim; SILVA, Manuella Mendonça; SOARES, Lorena Salgado; TONIN, Dandara Braz; VIEIRA, Milena R. Villejos. **Revisão bibliográfica: TDAH em adultos.** Fortaleza: Brazilian Journal of Development, 2022. Acesso em: 17 de outubro de 2023. Disponível em: [file:///C:/Users/Cliente/Downloads/admin,+template+BJD+444%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Cliente/Downloads/admin,+template+BJD+444%20(2).pdf)

AMARAL, Bruna; JOU, Graciela Inchausti; PAVAN, Carolina Robl; SHAEFER, Luiziana Souto; ZIMMER, Mirilene. **Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade: um olhar no ensino fundamental.** Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 23, n. 1, p. 29–36, jan. 2010. Acesso em 17 de outubro de 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000100005>

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR.** Porto Alegre: Artmed, 2022.

BARKLEY, R. A. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BERNARDES, Enzo Garcia; SIQUEIRA, Emílio Conceição. **Uma abordagem geral do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade: revisão de literatura.** Revista Eletrônica Acervo Saúde, 2022. Acesso em 24 de outubro de 2023. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/issue/view/275>

BRZOZOWSKI, Fabiola Solf; DIEHL, Eliana Elizabeth. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: O diagnóstico pode ser terapêutico?** Maringá: Psicologia em Estudo, v. 18, n. 4, p. 657-665, out./dez. 2013. Acesso em: 19 de outubro de 2023. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/pe/a/XkklkwP9q79smCypbcwch9JD/?format=pdf>

CASTRO, Carolina Xavier Lima; LIMA, Ricardo Franco. **Consequências do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) na idade adulta**. São Paulo: Rev. psicopedagogia, v. 35, n. 106, p. 61-72, 2018. Acesso em: 17 de outubro de 2023. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862018000100008&lng=pt&nrm=iso

COSTA, Sandra J. Oliveira. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade no contexto inclusivo (TDAH): Desafios e possibilidades**. Fortaleza: Repositório Institucional UFC, 2007. Acesso em 17 de outubro de 2023. Disponível em: file:///C:/Users/Cliente/Downloads/2007_dis_sjocosta.pdf

DUARTE, J. **Entrevista em profundidade. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

GOUDOCHNIKOV, Natália Viktorovna Santos. **TDAH e ansiedade social em estudantes universitários**. Santa Maria: Repositório UFSM, 2021. Acesso em: 24 de outubro de 2023. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/23888/Goudochnikov_Nat%C3%A1lia_Viktorovna_Santos_2020_TCC.pdf?sequence=1

HACKING, I. **Múltipla personalidade e as ciências da memória**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2000.

JANGMO, Andreas; STALHANDSKE, Amanda; CHANG, Zheng; ALMQVISTA, Catarina; FELDMAN, Inna; BULIK, Cynthia M.; LICHTENSTEIN, Paulo; D'ONOFRIO, KUJAHALKOLA, Ralf; LARSSON, Henrik. **Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder, School Performance, and Effect of Medication**. J Am Acad Child Adolesc Psychiatry; 58(4): 423-432, 2019. Acesso em: 24 de outubro de 2023. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30768391/>

KATO, Ludmilla Cordeiro. **Medicalização, diagnóstico e tratamento de TDAH na infância: o que diz as políticas públicas?** Foz do Iguaçu: Centro de Especialização UNILA, 2023. Acesso em: 24 de outubro de 2023. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/7539;jsessionid=200FE8FD3275344D2F97902BFC7930C2>

MATTOS, Paulo. **No mundo da lua: perguntas e respostas sobre transtorno do déficit de atenção com hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Editora Brasil, 2015.

NETO, Aramis Lopes. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes**. Rio de Janeiro: Jornal Psiquiátrico; vol. 81, 2005. Acesso em: 18 de outubro de 2023. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/jped/a/gvDCjhggGZCjttLZBZYtVq/?format=pdf&lang=pt>

NUNES, Camila da Silva; GELLER, Marlise. **A percepção dos professores diante da inclusão da criança com TDAH**. In: Anais do IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação, 2017. Acesso em: 16 de outubro de 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/349194963_A_PERCEPCAO_DOS_PROFESSOR_ES_DIANTE_DA_INCLUSAO_DE_CRIANCAS_COM_TDAH

OLIVEIRA, G. S.; MIRANDA, M.I. **Um olhar psicopedagógico para o TDAH**. Campinas: Cadernos da Fucamp, v.19, n.41, p.137-154, 2020. Acesso em: 23 de outubro de 2023. Disponível em: <<http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/viewFile/2298/1423>>.

OLIVEIRA, Mirian Luisa Torres. **Os impactos dos sintomas do TDAH no adulto**. Alagoas: Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem, v.4, p.26-46, 2022. Acesso em: 16 de outubro de 2023. Disponível em: [file:///C:/Users/Cliente/Downloads/26-46+OS+IMPACTOS+DOS+SINTOMAS+DO+TDAH+NO+ADULTO%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Cliente/Downloads/26-46+OS+IMPACTOS+DOS+SINTOMAS+DO+TDAH+NO+ADULTO%20(3).pdf)

OLIVEIRA, Vanusia Alves. **O TDAH e desempenho escolar: um estudo de caso**. Salvador: UFB, 2009. Acesso em 19 de outubro de 2023. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclcfindmkaj/https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32502/1/Monografia%20de%20Gradua%C3%A7%C3%A3o.pdf>

PELLEGRINELLI, M. J. de C.; SCHIOCHET, A. P.; ARAUJO, J. C. de; PIANA, G. S.; SILVA, S. da Conceição; ZAMPROGNO, S. B.; SILVA, B. C.; OLIVEIRA, S. C. A. de; MATA, J. P. da. **Abordagem dos impactos na qualidade de vida de pacientes adultos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) não diagnosticado**. Revista Eletrônica Acervo Médico, 18, e 11084. 2022. Acesso em: 16 de outubro de 2023. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/medico/article/view/11084>

PHELAN, T. W. **TDA/TDAH- Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade**. Trad. Tatiana Kassner. São Paulo: M. Books do Brasil Editora, 2005.

RANGEL, Júnior E. de B; LOOS H. **Escola e desenvolvimento psicossocial segundo percepções de jovens com TDAH**. Ribeirão Preto: Paidéia, 21(50):373–82, 2011. Acesso em: 29 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/q3nZbznmPQRykQdjFh4v6rN/#>

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes inquietas. TDAH: desatenção, hiperatividade e impulsividade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

SILVA, Thalles F. Costa. **“TDAH depois de grande?” implicações da descoberta tardia do diagnóstico de TDAH**. Campina Grande: Editora Realize, 2018. Acesso em: 19 de outubro de 2023. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclcfindmkaj/https://editorarealize.com.br/editora/anais/conbrale/2018/TRABALHO_EV109_MD1_SA3_ID77_22022018161815.pdf

SANT’ANNA, Vera L. Lins; SANTOS, K. Lorraine; SILVA, Bruna K. Miranda; SILVA, Franciele Sales; SILVESTRE, Áurea. **Família e a escola na aprendizagem da criança com TDAH: a necessidade de uma parceria ativa e produtiva**. Minas Gerais: Pedagogia em ação. V. 7 N. 1. 2015. Acesso em: 18 de outubro de 2023. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/11042>.

VITALINO, Adriana Lucia. **Procedimentos metodológicos em dissertações de mestrados profissionais na área de ciências sociais aplicadas: estudos de casos múltiplos no campo de políticas públicas**. Dissertação. 124f. (Mestre em Administração Pública). São Carlos – SP: Universidade Federal de São Carlos, 2019. Acesso em: 16 de outubro de 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11876>